



Sítio arqueológico Cemitério da Soledade: o lugar e o outro mundo

Archaeological site Soledade Cemetery: the place and the other world

Sabrina Campos Costa¹

PPGA-IFCH-UFGA

amazoniasabrina@gmail.com – <https://www.orcid.org/0009000482310535>

Giulia Gama Tobias Furtado²

PPGA-IFCH-UFGA

giuliatfurtado@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0007-8936-6461>

Resumo

O seguinte trabalho apresenta uma reflexão etnográfica sobre o Cemitério da Soledade, localizado em Belém/PA, compreendido como um patrimônio histórico, arqueológico e arquitetônico que reúne uma diversidade de pessoas, práticas e significados. A partir de três momentos durante o trabalho de campo — uma frase, uma fotografia e uma história —, o texto explora como o espaço, tradicionalmente associado ao luto e à finitude, adquire novas camadas de sentido com sua transformação em parque, permitindo que “vida” e “morte” coexistam em práticas cotidianas. Os episódios etnográficos descritos evidenciam interações com trabalhadores do Soledade, cujas trajetórias e percepções revelam modos distintos de se relacionar com o tempo presente, com o trabalho e com a memória. O texto discute como esses encontros produzem oportunidades de reflexão sobre a experiência do “aqui e agora”, destacando a maneira como o cemitério funciona como um lugar onde afetos, rotinas e interpretações se cruzam, deslocando a visão homogênea de espaços funerários. Ao articular patrimônio material, práticas sociais e experiências sensíveis, o artigo propõe compreender o Cemitério da Soledade não apenas como cenário histórico, mas como um espaço vivo, marcado por múltiplas presenças e temporalidades.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem; Patrimônio Cultural; Antropologia Urbana; Estudos Cemiteriais; Amazônia.

¹ Mestra em Antropologia com ênfase em Arqueologia pela Universidade Federal do Pará (PPGA/UFGA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFGA). Servidora pública do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Ideflor-bio).

² Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFGA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFGA).

Abstract

The following work presents an ethnographic reflection on the Soledade Cemetery, located in Belém, Pará, understood as a historical, archaeological, and architectural heritage site that brings together a diversity of people, practices, and meanings. Based on three moments during fieldwork — a phrase, a photograph, and a story — the text explores how the space, traditionally associated with mourning and finitude, acquires new layers of meaning through its transformation into a park, allowing “life” and “death” to coexist in daily practices. The ethnographic episodes described highlight interactions with the workers of Soledade, whose trajectories and perceptions reveal distinct ways of relating to the present, to labor, and to memory. The text discusses how these encounters produce opportunities for reflection on the experience of the “here and now,” highlighting how the cemetery functions as a place where affects, routines, and interpretations intersect, displacing a homogeneous view of funerary spaces. By articulating material heritage, social practices, and sensitive experiences, the article proposes an understanding of the Soledade Cemetery not merely as a historical setting, but as a living space, marked by multiple presences and temporalities.

Keywords: Landscape Archaeology; Cultural Heritage; Urban Anthropology; Cemetery Studies; Amazon.

1. CEMITÉRIO PARQUE SOLEDADE

“Precisamos reflorestar nosso pensamento!” A frase que a atual ministra dos Povos Indígenas do Brasil, Sonia Guajajara, tem difundido desde que assumiu o cargo, em 2023, tem potência para além da leitura superficial e óbvia. Segundo estudos ligados à neurociência, a capacidade de viver o presente e fazer conexões “olho no olho” está, cada vez mais, reduzida. Isso pode estar relacionado a diversos fatores; dentre eles, o consumo exacerbado de telas, que não apenas afeta funções cognitivas de atenção, como está ligado à pouca prática de atividade física e ao maior consumo de alimentos ultraprocessados (Martins, 2022).

Quando voltamos ao Parque Cemitério Soledade, em 2024, fomos recebidas com uma lambida da cachorrinha Soledade e saudações calorosas dos vigilantes, funcionários e carapanãs. Não imaginamos sentir saudades de um cemitério, tampouco de mortos que nem conhecemos em vida. O sol escaldante das três da tarde anunciava que era um julho em Belém do Pará, em meio às mudanças climáticas que lhe traziam temperaturas beirando os 40 graus e seca na região amazônica. Os olhos cerraram enquanto circulava, pela incidência da iluminação solar entre a parte sombreada e a descampada. Era mais um dia qualquer.

Ele, o cemitério, parque desde janeiro de 2023³, estava diferente. Mas o que havia de novo? Sempre há algo novo quando mudamos o olhar. O Soledade “é um parque de diversões”, define o designer gráfico André (2023), com várias possibilidades de descobertas. Que também remete à “vampira”⁴, lembrou o vigilante Charles. Notamos nas sepulturas dos “inocentes”, atrás da capela, que promessas foram pagas com almofadas brancas no formato do Homem-Aranha e inscrições do nome de uma criança seguida da

³ O Cemitério da Soledade passou por um processo de restauração, no qual lhe foi atribuído o título de “parque”. A primeira etapa foi entregue à população em janeiro de 2023. Ver notícia: <https://agencia.belem.pa.gov.br/parque-cemiterio-soledade-avanca-a-segunda-etapa-de-restauracao>.

⁴ Personagem fictícia do escritor paraense Bosco Samsa, denominada “vampira da Amazônia”.

idade de 4 anos. Encontrado o “tesouro” do dia! Cada pessoa tem sua experiência sensorial, memorial e de pertencimento com o lugar. Uma frase, uma história e uma foto, contudo, nos marcaram enquanto profissionais da área do patrimônio; e, a partir destas reflexões etnográficas dos relatos de experiências de trabalhadores e frequentadores do novo espaço de lazer de Belém, o Parque Cemitério Soledade, conduziremos a narrativa do presente texto.

Cemitérios parecem ser os últimos lugares em que se deseja estar, assim como hospitais. No entanto, assim como a área da arquitetura e da hospitalidade tem contribuído para a criação de ambientes e atmosferas mais humanizadas em hospitais, aproximando-as das sensações de hotéis e spas, do mesmo modo tem se aproximado de espaços históricos no intuito de ressignificá-los como locais de lazer e atrativos turísticos, de forma a agregar narrativas históricas associadas ao entretenimento, experiências multissensoriais e a adaptação às Normas Brasileiras de Acessibilidade⁵. O conceito de humanização está intimamente ligado à prática arquitetônica, a qual prevê diversas alternativas, materiais, iluminação, entre outros, que fazem com que a experiência do usuário seja a mais adequada possível. Segundo Ricardo Ciaco (2010), cada tomada de decisão leva em consideração características fisiológicas, psicológicas e morfológicas do ser humano, para que este tenha uma interação positiva e benéfica com o ambiente, independente de qual seja este ambiente – isso é a humanização.

A requalificação de espaços cemiteriais visando o turismo já aconteceu em outros momentos, como o caso do Cemitério da Recoleta, em Buenos Aires, na Argentina. O cemitério passou a ter um papel central na vida social do bairro, onde há visitação tanto da população local quanto de turistas que buscam o mausoléu de Evita Perón; e há, ainda, nas imediações, vida noturna e feiras locais (Nogueira, 2013). O turismo em cemitérios visa dar ao lugar uma utilidade que vai além do sepultamento (Del Puerto, 2016). No caso do Cemitério da Soledade, em Belém, os últimos sepultamentos ocorreram em 1880 (Rodrigues, 2014) e sua reabertura como parque urbano ocorreu em 2023.

Considera-se que o Cemitério da Soledade é o primeiro cemitério público municipal de Belém/PA (Botelho, 2018), em um contexto de higienização social dos núcleos urbanos. Segundo Reis (1991), os enterramentos até o século XIX eram comumente realizados nos terrenos das igrejas. A partir do momento que as administrações públicas determinaram a transferência dos enterramentos para fora do espaço das igrejas, surgiram movimentos sociais de resistência, como a “Cemiterada”, na Bahia (Reis, 1991). Não era de desejo ter sua morada eterna distante das terras bentas da igreja, e isso não foi diferente em Belém, onde foi visto com resistência pela elite local, pois ser enterrado fora das propriedades da igreja era algo voltado majoritariamente para pessoas escravizadas, excomungadas e à margem da sociedade da época (Rodrigues, 2014).

⁵ “Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida” (BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm. Acesso em: 24 jul. 2024).

No Cemitério da Soledade foram sepultados personagens da elite belenense da época. Fruto da Belle Époque, este localiza-se no bairro Batista Campos, área central da cidade, tomando a quadra que compreende as avenidas Serzedelo Corrêa, Gentil Bittencourt, Conselheiro Furtado e a Travessa Doutor Moraes. É possível observar jazigos altamente detalhados e em materiais nobres, em estilo eclético, no qual o neoclássico e o neogótico são protagonistas, adornados com elementos da arte funerária como florais, identificação do nome da família combinados a epitáfios e tributos de amor. Apesar do caráter fúnebre da “cidade dos mortos”, segundo Del Puerto (2016), um cemitério pode apresentar inscrições de vida por meio da arte dos túmulos e das inscrições que visam manter a memória do ente querido, mas que também promovem reflexões sobre a vida. Na verdade, a cidade dos mortos é cheia de vida, fato comprovado pelas interações com os trabalhadores e com o público frequentador do Parque Cemitério Soledade – sejam estes deste ou do outro mundo.

Segundo Seu Jackson (Imagem 1), um dos trabalhadores da construção civil que atuou na obra de restauração e revitalização, em cada canto do cemitério há algo diferente, desde técnicas construtivas e decorações das sepulturas até as diferentes sensações térmicas lá percebidas. Anddy, estudante de moda, ao tatear as inscrições em incisão de uma sepultura durante uma visita guiada, rapidamente leu e verbalizou o nome do falecido, surpreendendo o grupo que em vão tentava saber, a olho nu, de quem se tratava.



Imagem 1 – Seu Jackson e a cachorrinha Soledade. Foto: Sabrina Campos (2023).

Para todos verem: na imagem vê-se um trabalhador da construção civil, trajado com capacete de proteção e sentado no chão do cemitério. No chão há folhas e mangas caídas e vê-se também uma cachorra.

Segundo Da Gloria et al. (2023), apesar de o cemitério ter sido pensado para abrigar as demandas da elite paraense, pesquisas revelam que a maior parte dos enterramentos refere-se a indígenas e negros, grupos fortemente afetados pelas epidemias de febre

amarela e cólera. No entanto, não há a identificação de tais sepultamentos, o que manteve esses grupos sociais apagados da história e dessa percepção imediata do cemitério. Levando em consideração que o espaço cemiterial é um reflexo da cidade dos vivos, tais estudos abrem novas perspectivas e discussões acerca do Soledade.

O Soledade, portanto, é um verdadeiro museu a céu aberto no centro da cidade de Belém/PA, tanto do ponto de vista da arquitetura, da arte, da museologia e da arqueologia quanto da bioarqueologia, do restauro, entre outras disciplinas. Por esse motivo, um dos principais valores agregados do parque cemitério é o da pesquisa científica e o da novidade/entretenimento. Além disso, o cemitério possui um aspecto de memória coletiva e um caráter documental, tanto dos que estão lá sepultados quanto de crenças, estilos, relações de poder e significados.

2. A FRASE: O PODER, O(S) PÚBLICO(S) E AS VOZES

A frase que norteia esse primeiro percurso de reflexão foi proferida pelo casal Jonn e Bianca (relato oral, 2022), os quais se revelaram felizes com o parque cemitério: “é muito bom saber que nós, góticos, que sempre fomos estigmatizados, estamos sendo acolhidos no Soledade”. Há receio em geral da sociedade para com góticos e praticantes de cultos afro-brasileiros, que envolve desconhecimento, racismo religioso e intolerância. A cidade dos mortos, no entanto, é, por excelência, um espaço de diversidade. Para religiosidades de matriz africana, os ritos de morte estão intimamente ligados à ancestralidade e oralidade – que se mostra como uma forma de resistência ao apagamento cultural negro que remonta à época da colonização (Rodrigues, 2025). Segundo a autora:

Logo, ao refletirmos sobre os rituais de morte na negritude, percebemos que eles são mais do que práticas espirituais; são processos culturais dinâmicos que carregam memórias, reafirmam identidades e constroem pontes entre o passado, o presente e o futuro. Estes processos impactam e também fazem parte da agenda dos movimentos sociais e da negritude enquanto dispositivo político, cultural, filosófico e identitário que surgiu como um movimento de valorização da cultura, da história e das experiências das populações negras, em oposição às narrativas coloniais e racistas que marginalizavam essas identidades. (Rodrigues, 2025, p. 503).

Assim como há divergência nas percepções de proteção e patrimônio para as pessoas, sobretudo em espaços históricos, como discutido por Costa e Chagas Júnior (2018), a cidade representa, por excelência, o espaço da diversidade, das possibilidades. Mas será que estamos perdendo a capacidade do diálogo com o outro, o diferente de nós?

Durante as décadas de 1930 a 1960, a cidade de Belém passou por um processo de verticalização e da criação dos primeiros mecanismos técnicos de contenção de demolições e grandes modificações na morfologia da cidade (Forte; Sanjad, 2020). Entre esses mecanismos está o tombamento, que continua sendo, desde que foi criado em nível

nacional, em 1937⁶, o principal meio jurídico para a proteção do patrimônio cultural construído ou criado materialmente pelos diversos grupos sociais.

Em Belém, os primeiros tombamentos aconteceram em 1941⁷, contemplando individualmente as igrejas do centro histórico, do atual complexo arquitetônico Feliz Lusitânia, fato que conseguiu impedir suas demolições, mesmo que sua ambiência não tenha alcançado o mesmo resultado. No caso do Cemitério da Soledade, a proteção aconteceu somente entre os primeiros tombamentos de Conjunto Paisagístico, no ano de 1964, depois de um movimento de anos de luta de um grupo de intelectuais paraenses junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, trajetória discutida por Rodrigues (2014).

Em se tratando da proteção aos bens tombados, a ampliação conceitual que privilegiou o sítio ou entorno do objeto de interesse permitiu a permanência de paisagens e conjuntos representativos da evolução histórica e urbana da cidade, além da necessária reflexão sobre novos usos (Forte; Sanjad, 2020). Projetos de requalificação do Soledade existem desde o século passado. As obras de restauração e revitalização do espaço, no entanto, foram possíveis somente no ano de 2021, com aporte financeiro da Secretaria de Estado de Cultura (SECULT) e convênio com o Laboratório de Conservação, Restauro e Reabilitação da Universidade Federal do Pará (LACORE/UFPA).

Pensar intervenções nas cidades é adentrar um campo de tensões e foi a partir dessas tensões multivocais sobre formas de utilização do espaço do Soledade que o Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (DPHAC/SECULT) se engajou no projeto, a partir de demandas das equipes que atuavam na restauração e revitalização e os diversos desafios enfrentados em campo. Foi proposto um Plano de Educação Patrimonial, com período de execução entre 2022 e 2023, inicialmente para 22 trabalhadores da construção civil que atuavam nas obras de reforma, passando a contemplar posteriormente pessoas denominadas genericamente de “devotos”.

Ao pensar em Educação Patrimonial/Ambiental, talvez a primeira imagem que venha à mente esteja ligada a práticas artísticas de observação, manipulação e registro de objetos, bem como reflexões sobre consumo, lixo e descarte. Elaborado em 2010, o Programa de Educação Patrimonial do DPHAC/SECULT adquiriu a denominação de “Diálogos com o Patrimônio: valorizando memórias e construindo a cidadania cultural”. À época, o programa nasceu diferenciando-se da educação patrimonial como prática pedagógica de apropriação dos objetos aplicada ao “contexto museal”⁸. Entre seus diferenciais, o Programa “Diálogos com o Patrimônio” trouxe, em seu nome, a proposta freireana de que todo sujeito carrega consigo vivências e perspectivas de mundo e que o conhecimento é construído junto e de modo emancipador; além disso, as pessoas são e estão no mundo com seus saberes transdisciplinares que devem ser compreendidos de

⁶ Ver Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf.

⁷ Ver lista de bens tombados e processos de tombamento em andamento do IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Tombados%20por%20Estado.pdf>.

⁸ Ver Horta *et al.* (1999).

modo holístico ou integral. O DPHAC tem como principal premissa a “pessoa como patrimônio” (DPHAC, 2010).

O Plano de Educação Patrimonial para o Parque Cemitério Soledade objetivou valorizar as trajetórias e as percepções de trabalhadores da construção civil e dos frequentadores do parque urbano. Foram desenvolvidas abordagens de aproximação e de criação dialogada de boas práticas, a partir de ações simultâneas de pesquisas documentais, iconográficas e bibliográficas; exercícios de Escutatória⁹; alinhamento de ações com as equipes da construção civil, do restauro e da arqueologia; reuniões com lideranças de casas de religiões afro-brasileiras e com pesquisadores de religiosidades; acompanhamento da obra com observação, conversas informais e registros fotográficos; entrevistas semiestruturadas; ensaios fotográficos; exposições em um Jornal Mural, no Palacete Faciola e nas obras da Soledade; criação dialogada de Rotas Patrimoniais conjuntamente com devotos e trabalhadores.

Durante o processo de implementação do Plano, tivemos contato com sujeitos sociais de narrativas e visões de mundo particulares e condizentes com os papéis que ali desempenhavam: mestres de obras, pedreiros, serventes, arquitetos, fornecedores, arqueólogos, turismólogos, pesquisadores, professores, padres, góticos, comerciantes, vizinhos, turistas, entre diversas outras funções. Esse público multidiverso mostra o quão complexa é uma intervenção em um sítio arqueológico urbano, principalmente no Cemitério da Soledade, que, segundo a comunidade que o habita, não é “simplesmente um cemitério”, mas é, primeiramente, um lugar.

Tal categoria foi consolidada no Decreto nº 3.551/2000, Livro de Registro do Patrimônio Cultural em nível federal. Em seu Dicionário do Patrimônio Cultural, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional define que “lugares são espaços físicos imbuídos de significação cultural, aos quais são atribuídos valores”, onde há uma certa unidade, pois “a espacialização opera como uma unidade que agrega os referenciais tangíveis e intangíveis; e estes existem de determinado modo porque se realizam naquele espaço” (Teixeira, 2015). Além disso, o Soledade pode ser caracterizado como um espaço cultural, definido no Decreto nº 2.558/2010, de criação do Inventário do Patrimônio Cultural do Estado do Pará (IPCPA), do DPHAC/SECULT. São considerados Espaços Culturais “os espaços, cobertos ou não, em que ocorrem práticas ou eventos de natureza cultural como rituais religiosos ou cívicos, festas, visitação pública a acervos, pesquisa, encenações artísticas, dentre outros” (Costa, 2015, p. 10).

O Cemitério da Soledade tornou-se um lugar de acolhimento da diversidade por ser um lugar antropológico, conceito de Marc Augé (2012), que define aquele lugar de atuação sobre o espaço, de sociabilidade, de referência individual e coletiva, do vivido carregado de sentido, e onde se desenvolve o senso de si e do outro.

⁹ O “aprender a ouvir” de Rubem Alves.

3. A HISTÓRIA: MODOS DE SENTIR O OUTRO MUNDO

A história que tece a narrativa da segunda parte de nosso texto tem “pegada de realismo fantástico”, segundo um blog sobre vampirismo¹⁰, e fala de Marie Camille Monfort e a sensação nas férias do ano de 2023, quando “bombou” na internet, merecendo destaque na coluna “Tuédoidé/Curiosidades” de um jornal local¹¹. “Vampira da Amazônia” é um dos primeiros termos que sugerem as opções de buscadores on-line, como o Google.

De acordo com a matéria, a foto atribuída à “vampira” seria de uma inglesa, tirada em um estúdio bombardeado durante a Segunda Guerra Mundial. Informação contestada pelo historiador Daniel Miranda (Conversa informal, julho de 2023), que entrou em contato direto com Philipe Kling David, o artista brasileiro criador da imagem de Chérie, que foi associada à Camille Monfort. Assim como foi desmentida pela família de Cecília Chermont, cuja sepultura foi divulgada como sendo da “vampira da Amazônia”; Cecília é parente da economista e professora Larissa Chermont. O fato é que a “vampira” se tornou uma lenda urbana e, como fenômeno social, continua sendo um dos tópicos mais procurados no Soledade, passado um ano desde que a história alcançou mais de 10 mil compartilhamentos nas redes sociais.

No entanto, outras experiências fantásticas acontecem no Soledade, não necessariamente ligadas ao imaginário fantástico. Antônio, advogado, faz parte da subcultura gótica e é frequentador do Soledade não pelas almas santas, mas pelas amizades que ali conquistou. Costumava ir ao cemitério para tomar café com Dona Flora e construiu uma amizade com Seu Francisco, vendedor de velas há mais de trinta anos e que conhece a maioria dos devotos de velas.

Enquanto alguns evitam o cemitério pelas “más energias”, a Casa de Zé Pelintra e a Tenda de Umbanda Filhos de Fé realizaram ali uma Roda de Gira a Exu em agosto de 2023. É possível observar também atividades cotidianas, como um casal de namorados, crianças brincando e cachorros em seu passeio diário com seus tutores. Além disso, sobre as percepções prévias à obra de restauro, há a obra de Walcyr Monteiro (2007), que registrou a visão erótica que habitaria o Soledade e seduziria os homens; Monteiro é a primeira pessoa a publicar sobre o Culto das Almas, que remontaria, segundo relatos, à década de 1930, com graças concedidas por Raimundinha Chermont Picanço.

Há quem reconheça entre as sepulturas símbolos maçons, contou Erwin, grão-mestre. Entre os volumes e composições das grades, há símbolos adinkra, segundo pesquisa de André Rendeiro. Pai Charles de Oxossi esteve no Soledade e apontou o fato de haver “uma cruz dos cristãos” na frente da capela e “uma cruz dos macumbeiros” atrás da mesma. A cruz posterior, não ao acaso, está na sepultura/memorial à Anastácia: dados levantados pelo arqueólogo Paulo do Canto indicam duas possibilidades para tal sepultura:

¹⁰ Uma vampira na Amazônia. Rede Vamp Vision. Disponível em: <https://redelvampyrica.com/uma-vampira-na-amazonia-camilla-monfort/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

¹¹ Camille Montfort, a “vampira paraense”, bomba na web. DOL. Disponível em: <https://dol.com.br/tuedoide/curiosidades/819144/camille-monfort-a-vampira-paraense-bomba-na-web?d=1>. Acesso em: 23 jul. 2024.

a de ser uma mulher escravizada que também foi conhecida por Romana, ou a de ser um memorial para a mulher escravizada Anastácia, cujo culto teria começado no Rio de Janeiro e se difundido pelo Brasil. Seu Domingos, deficiente visual, é médium e se considera devoto há pelo menos dezoito anos, mesmo tempo em que frequenta o Instituto Álvares Azevedo, nas imediações. Ele pensa em Exu no cruzeiro e vê o cemitério como fonte de ajuda e centro sagrado, tendo herdado a devoção de sua mãe.

Após o Dia de Finados de 2022, quando ainda estava fechado para o restauro, Seu Francisco, o vendedor de velas, estimou mais de cem pacotes queimados nos muros do Soledade. Ele faz a coleta e reciclagem da cera após a queima das velas. Socorro exemplificou que o compromisso, se não for pago, resulta na tormenta pelos espíritos. Ela possui uma série de ritos que começa fora do cemitério: entrar de frente e permanecer de frente para a capela, mesmo na saída; bater os pés para não levar a terra do cemitério para casa; andar de joelhos; segurar o terço; acompanhar a missa e rituais pessoais que Lillian, maruja de São Benedito, também cumpre, como o de “fechar o corpo” ungindo-se de alho e tampando o umbigo ao adentrar no cemitério.

Seu Raimundo entrou pela primeira vez por um chamado espiritual enquanto passava por dificuldades judiciais que pareciam intransponíveis. Mesmo Rui, que se considera ateu e relatou não frequentar cemitério por não ver motivo para tal, diz ir ao Soledade no intuito de sentir sua mãe recém-falecida. Aldimar, que perdeu vários familiares em um curto espaço de tempo, frequenta o cemitério por se sentir relaxado, transportado para outra realidade, quando reza pelas Onze Mil Virgens da Bahia¹² e pelas 13 Almas Queimadas¹³. Seu João Edir, natural de Oriximiná, disse ter começado a frequentar o Soledade sempre que vinha a Belém em visita, atraído pelas placas de pagamento de promessas, quando, na década de 1970, eram apenas três devotos praticantes do Culto das Almas.

Durante o Culto das Almas, foram contabilizados, no passado, pouco mais de duzentos devotos assíduos (Rodrigues, 2014). Era de se esperar que tais pessoas, dadas as restrições da obra que manteve o espaço fechado durante dois anos, deixassem a prática da queima de velas. Desse número de devotos registrado dez anos atrás, foi possível entrevistar 22 pessoas que mantiveram a assiduidade ao cemitério. O pagamento de promessas, contudo, é apenas um aspecto do Culto das Almas. Observa-se que o aspecto da relação com o sagrado transcende as segundas-feiras, reservadas ao Culto das Almas, manifestando-se também às sextas-feiras e dias dedicados aos santos de matriz africana,

¹² Remete à lenda de Santa Úrsula e suas damas de companhia virgens, martirizadas pela recusa do casamento com Átila, rei huno, na invasão à Colônia, na Alemanha. A devoção foi trazida ao Brasil com a chegada das primeiras relíquias a Salvador, cabeças das Onze Mil Virgens, vindas de Lisboa, em 1575, a partir das quais um grupo de estudantes de um colégio da Companhia de Jesus fundou uma confraria (Duarte, 2011).

¹³ Em 1974, em São Paulo, um incêndio atingiu o Edifício Joelma, vitimando 188 pessoas. Treze delas foram carbonizadas no elevador. Considerado o terceiro maior incêndio do Brasil, o episódio do elevador originou atividades paranormais no local de sepultamento das vítimas que, segundo relatos, se acalmavam quando embebidos em água. “Os relatos sobre as Treze Almas se espalharam e virou devoção. Preces e promessas passaram a ser feitas, pedindo intercessão das almas para alcançar graças, e a retribuição eram copos, garrafas e até baldes de água jogados e deixados em cima dos túmulos” (Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/brasil/846473/tumulo-das-13-almas-atrai-devotos-para-o-edificio-joelma?d=1>).

além de transcender as nove vezes dedicadas à repetição de uma novena e as missas da capela do Soledade.

Os devotos sentem que existe uma espécie de “obrigação” para com o lugar, que é herdada ou passada de seus avós e/ou pais até si. Essa obrigação pode ser pensada como um sinônimo de devoção e não se limita a religiões, dogmas e credos; ela se transubstancia para os góticos, os tutores dos animais, os familiares dos sepultados e os frequentadores por motivos menos óbvios ou aparentes, que se sentem “atraídos” pela arte, pela paz e pela aura do Soledade. Segundo DaMatta:

“Há obrigações palpáveis diante dos mortos e de suas almas: seus aniversários de nascimento e de morte são lembrados, sua memória deve ser cultuada e há até mesmo uma possibilidade curiosa, pois falar periodicamente com eles dá a quem o faz uma certa sabedoria, poder e aquela invejável e tranquila resignação diante ‘deste mundo’” (DaMatta, 1997 p. 103-104)

Seu Luiz, servente de pedreiro que trabalhou na obra de restauração e revitalização do parque cemitério, resumiu a relação com o lugar em “amizade”: “Conheci o Zezinho [santo popular] aqui na obra. É poderoso. Nunca acendi vela. Eu abraço, sempre converso com ele. Peço primeiro a Deus, pela minha família” (Luiz, entrevista, 2023). O mesmo tinha medo de entrar e era provocado por familiares. Depois, durante as escavações arqueológicas, foi chamado a auxiliar a equipe de Paulo do Canto. Seu Luiz brincou que, nesse momento em que “cavou”, encontrou “foi um crânio com toda a dentadura” e seu medo “terminou na hora”. Passou, a partir de então, a sentir gratidão pelo trabalho, pois estava desempregado havia cinco anos e, por ter um pouco mais de idade, “não querem pegar mais ninguém por aí” com seu perfil. Talvez não por acaso, Seu Luiz se tornou muito amigo de Antonio, o jovem ajudante de pedreiro de poucas palavras que, segundo seus colegas de trabalho, era muito sensível e havia visto “um senhor de vestes brancas” perto da equipe de restauro.

Francinaldo, também ajudante de pedreiro, confessou ter sentido medo de adquirir alguma doença, como “bactéria de cemitério”, ao chegar para trabalhar na obra. No decorrer do tempo, passou a se sentir adaptado e, no momento da entrevista, que acontecia durante o período do inverno, Francinaldo brincou que até já conseguia “comer as mangas que caem”, em especial as encontradas na Ordem da Santa Casa, que levam o título de as mais doces.

Para Carlos, também trabalhador da obra, os banquinhos para conversar e apreciar o lugar é que darão o outro olhar para as pessoas: o olhar de um parque, um patrimônio da história do Pará. Deyvison, servente e colega de trabalho de Carlos, via o Soledade como lugar de descanso e se confessou indignado com as pessoas que “mexem com os mortos”, porque poderiam ser nossos próprios entes queridos descansando naquele local.

Reside no Soledade uma relação com a dádiva, no sentido que Marcel Mauss (2003) nos propôs como forma antiga de contrato, onde existe a obrigação de dar, receber e retribuir, com dimensões morais que fortalecem a aliança e o vínculo social. DaMatta (1997) também defendeu uma espécie de “comércio” entre vivos e mortos, de teologia do

relacionamento, em que almas se encontram “presas” a lugares, objetos, pessoas ou emoções, com trocas entre presságios, casos de amor sobrenatural, boa sorte, “conversas de assombração” e o dia de segunda-feira dedicado às almas do purgatório; esse sistema de ação e significado social se chama O Outro Mundo e nele reside uma síntese do universo social terreno, com obrigações seladas por uma ética de parentesco e amizade, espaço de igualdade moral onde tudo será pago, sendo composto de mortos, espíritos, santos, demônios, entre outros.

Essa troca com o metafísico, a ancestralidade, a mobilização de energias do sagrado e a reflexão sobre a natureza humana no Soledade representam uma agência da paisagem onde alma, coisas e pessoas se tornam unas em uma lógica de circulação, reciprocidade e honra.

4. A FOTO: PAISAGEM DA PARTILHA

“As pesquisas arqueológicas em centros urbanos como Belém podem ser usadas para contar muitas histórias, podendo até suprir lacunas deixadas pela historiografia” (Gomes, 2023, p. 249). Entre essas histórias, estão os processos de ocupação e uso da paisagem. Para Ingold, é preciso fazer os materiais desaparecerem, ou se afastar dos materiais, para entender os significados, propriedades e representações do mundo material, entre eles a paisagem. “E onde, nessa divisão entre paisagem e artefatos, poderíamos colocar todas as diversas formas de vida animal, vegetal, fúngica e bacteriana?” (Ingold, 2015, p. 53).

O microuniverso do Soledade convida ao silêncio e à observação; esta transcende o olhar dos seus aspectos físicos e propõe enxergar o mundo pelos olhos do Outro Mundo e dos residentes do cemitério. Enquanto os trabalhadores operavam sobre a materialidade do lugar, a partilha com o Outro Mundo acontecia. Nas entrevistas, parte delas descritas abaixo, a maioria declarou nunca ter adentrado o Soledade antes do contrato de trabalho, pois o viam apenas como um lugar “do capim alto”, um “terreno abandonado” do centro, sentindo receio. A etapa que mais os cativou foi a do trabalho da arqueologia. Ver cabelos ainda preservados depois de tantos anos. Dentes inteiros. Corpos entrelaçados pela terra revolvida por anos de ação das chuvas. Eles faziam orações antes de suas jornadas diárias de trabalho. Disseram que o Soledade “se encarregou de afastar quem não o respeitava”, causando alguma situação de adoecimento ou demissão.

“Marcou o portão de bronze da ‘Princesa’. Nunca tinha visto. O bicho pesa! [...] A gente vai pensando muita coisa [...] vai abrindo as ideias aos poucos [...] Princesa, os do leão, fiquei imaginando: como é que esse povo fazia esses acabamentos?” (Aldo, entrevista, 2023).

“Quem seriam essas pessoas? Seriam escravos? [...] Pedaco de cerâmica é patrimônio, o funcionário tem de ter cuidado... até pedaco de madeira, de caixão, osso de animal, os arqueólogos se preocuparam de saber do que era [...] Foi aprendizado para todos nós” (Dinho, entrevista, 2023).

“O que eu deixei... vou deixar minha história, trabalho, meu nome vai ficar registrado. Tenho minha fotinho [do ensaio fotográfico que fizemos com os trabalhadores], vou botar lá no meu quarto” (Talis, entrevista, 2023).

“Pázinha [da arqueologia] muito diferente, [parece uma] colherzinha, [tem de usar] na manha... trator, pá, teria destruído tudo! [...] Marcou achar osso em grande quantidade onde menos esperava” (Walisson, entrevista, 2023).

“O que mais marcou foi o companheirismo da [equipe de] arqueologia: souberam acolher, lidar, conversar, passar a história do cemitério, e isso foi modificando mais [os trabalhadores da construção civil]” (Sávio Henrique, entrevista, 2023).

“Pensava que seriam prédios, que a gente ia aterrar, que os túmulos iam sumir” (Genivaldo, entrevista, 2023).

Sávio se instigou quando contava aos parentes e amigos que o cemitério iria se tornar “tipo um museu”. Como resposta, recebia comentários do tipo “égua, vai visitar morto?”. Isso o motivou a, ele próprio, conhecer mais, pesquisar vídeos na internet. Seu Antônio Pedro observou a presença de muitas crianças sepultadas e refletiu sobre a finitude da vida, caminho que todos percorreremos, o que o fez trabalhar com mais cuidado para deixar o Soledade “um brinco”. João Vitor era chamado pelas pessoas de “coveiro” quando dizia estar trabalhando no Soledade e, incomodado, foi aprender coisas boas para “ensinar um pouco” e “passar adiante” o aprendizado do respeito ao lugar; ele se tornou uma espécie de influenciador digital, postando fotos nos seus grupos de WhatsApp e passando a se sentir orgulhoso de seu trabalho.



Imagem 2 – À esquerda alguns trabalhadores que atuaram durante o processo de restauro do Soledade; à direita Sávio em um momento de respeito e prece. Fotos: Luiza Brilhante (2023).

Para todos verem: Na primeira imagem, veem-se vinte e um trabalhadores da construção civil organizados em um gramado verde, em duas filas, uma à frente da outra, para uma foto em grupo; as pessoas da primeira fila estão agachadas e todos usam o mesmo uniforme com capacete de proteção. Atrás das pessoas, há uma grande árvore. Na segunda imagem, vê-se o trabalhador Sávio agachado, com um dos joelhos no chão, com braços abertos e mãos voltadas para cima, como em um sinal de prece; seu capacete está disposto no chão arenoso.

Os trechos das falas dos trabalhadores entrevistados revelam o processo de criação de laços afetivos e memoriais da pessoa com o lugar. Esse laço pode ser de grande valia no processo de salvaguarda do patrimônio na sociedade, como afirma Pereira (2017): “Ao ser incorporado pela população como algo que lhe pertence, que faz parte da sua história, o patrimônio arqueológico ganhará fiéis defensores que ajudarão a conservar para as futuras gerações o legado deixado pelos nossos antepassados”. Tal citação refere-se ao conjunto arqueológico do Parque Estadual Monte Alegre, localizado na cidade de Monte Alegre/PA; no entanto, tal reflexão pode ser aplicada ao caso do Cemitério Parque Soledade e outros espaços patrimonializados, sejam de contexto urbano ou natural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa e entrevistas no cemitério, foi promovida uma série de pequenas rotas de visita com os trabalhadores, nas quais foram compartilhadas informações sobre o lugar e momentos de escuta de suas experiências e observações dos bens do cemitério e das técnicas construtivas passadas. Tais trocas de experiências auxiliaram na proposição de novas rotas de visita e nos temas que seriam abordados, além da forma de narrar aquela história, observando como as formas de compreender e viver o lugar contribuem para a prática da Educação Patrimonial.



Imagem 3 – Registros das rotas de visita com os trabalhadores. Fotos: Ana Beatriz Monteiro (2022).

Para todos verem: Na imagem à esquerda, veem-se trabalhadores em volta de um túmulo com gradis baixos; eles observam a sepultura. Na imagem à direita, veem-se seis trabalhadores e uma guia de visita trajando uma blusa azul; ao fundo, há a capela do cemitério e alguns túmulos.

A Educação Patrimonial obteve, dentre os resultados alcançados, a identificação e os registros dos principais santos populares da prática do Culto das Almas; sugestões de iluminação cênica, paisagismo e locais para instalação de velários; construção de textos e fotografias para o museu; realização de dois eventos temáticos; devolutivas em publicações; criação do Monumento à Ancestralidade; acompanhamento da gestão do

espaço; elaboração de placas sobre uso e regras do espaço e de sensibilização sobre o abandono de animais. Um Relatório Técnico foi entregue com sugestões de melhorias e gestão do espaço em seus potenciais para lazer, turismo e pesquisa, a exemplo da criação de circuitos temáticos, melhorias na infraestrutura, circulação, segurança, manutenção, prestadores de serviços, regras de uso, controle do fluxo de visitantes, acessibilidade e funcionamento do museu.

Destaca-se aqui a iniciativa do historiador Michel Pinho, que promoveu, em setembro de 2023, uma visita mediada no Soledade. A visita foi parte da 17ª Primavera dos Museus e mobilizou centenas de pessoas — entre elas, muitas famílias e crianças neurodiversas. A Secretaria de Estado de Cultura esteve presente com sua publicação temática do DPHAC sobre o Soledade, disponível em QR Codes e no site institucional, e uma exposição em foto-varal, momento de interação e trocas de vivências com o público presente. Nas primeiras edições do evento "Uma Noite no Museu", promovido pela SECULT, foram contabilizados cerca de dez mil visitantes em uma única sexta-feira. A paisagem atua como um monumento à memória (Gomes, 2023). E a paisagem do Soledade ensina. O lugar “do capim alto” se preservou no tempo pela dedicação e compromisso dos seus devotos e admiradores, que, mesmo em períodos difíceis, mesmo com as portas fechadas, se mantiveram fiéis à sua palavra.

Com o passar do tempo e com as modificações urbanas em Belém, o cemitério foi cercado pela verticalização. No entanto, o Soledade acolhe, silencia os barulhos da cidade e os nossos barulhos mentais, pois lá vivencia-se uma experiência multissensorial, com o cheiro da manga, o cantar das aves, as flores que brotam, a interação com os gatos que agora lá residem e a conversa com os vivos e os mortos. É possível afirmar que o Cemitério da Soledade é um espaço de reconexão, que cativa pelo afeto e que é mediado pelo Outro Mundo. Existe um senso de comunidade e de pertencimento e, retomando a ideia de “reflorestar pensamentos”, de Sonia Guajajara, citada no início deste texto, talvez nosso objetivo profissional seja o de plantar sementes, afinal, a diversidade em espaços é um direito humano e uma das funções constitucionais do Estado brasileiro, seja no ambiente escolar, do trabalho ou da cidade, na educação formal ou não formal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucas. Túmulo das "13 Almas" atrai devotos para o Edifício Joelma: o incêndio ocorrido 1974, matou 188 pessoas e chocou o Brasil. **DOL**. Belém, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/brasil/846473/tumulo-das-13-almas-atrai-devotos-para-o-edificio-joelma>. Acesso em: 7 ago. 2024.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BORGES, Bianca. Lar de 30 mil mortos, cemitério vira parque inusitado em Belém: 'ecogótico'. **ECO A uol**. São Paulo, 13 jul. 2023. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/07/13/entre-tumbas-e-mausoleus-cemiterio-vira-parque-urbano-e-historico-em-belem.htm>. Acesso em: 7 ago. 2024.

BOTELHO, Amanda R. de Castro. **Santa Izabel e Soledade: o eterno e o mutável nas alterações dos espaços cemiteriais na Belém do Século XIX**, através de uma análise cartográfica da morte. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

BRASIL. [Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000]. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, [2000]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 24 jul. 2024.

CIACO, Ricardo José Alexandre Simon. **A arquitetura no processo de humanização dos ambientes hospitalares**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.

COSTA, Sabrina Campos. O Patrimônio Cultural em sala de aula: abordagens interdisciplinares nos municípios paraenses. *In*: IPHAN. **Educação patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade**. Organização de Átila Bezerra Tolentino *et al.* João Pessoa: Iphan, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_de_educacao_patrimonial_nr_04.pdf. Acesso em: 7 ago. 2024.

COSTA, Sabrina Campos; CHAGAS JUNIOR, Edgar. A Cidade ficou velha? Entre política patrimonial e a percepção de patrimônio dos moradores do bairro da Cidade Velha, Belém, Pará. *In*: MIGLIORINI, Jeanine Mafra (org.). **Sítios Históricos e Centros Urbanos**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018. p. 40-51. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-cidade-ficou-velha-entre-politica-patrimonial-e-a-percepcao-de-patrimonio-dos-moradores-do-bairro-da-cidade-velha-belem-para>. Acesso em: 7 ago. 2024.

DA GLÓRIA, Pedro *et al.* Usos e reusos de jazigos funerários no Cemitério da Soledade, Belém do Pará – Brasil. **Habitus**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 386-435, ago./dez. 2023.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PUERTO, Charlene Brum. **Turismo em cemitério: o cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles**. 2016. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

DPHAC. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. **Plano de Educação Patrimonial para o Soledade**. Belém: DPHAC, 2022.

DPHAC. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. **Programa de Educação Patrimonial Diálogos com o Patrimônio**: valorizando memórias e construindo a cidadania cultural. Belém: DPHAC, 2010.

DPHAC. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. **Relatório de Educação Patrimonial nº 001/2023**: Parque Cemitério Soledade. Belém: DPHAC, 16 out. 2023.

DUARTE, Stela Beatriz. A Fundação da Confraria das Onze Mil Virgens na Colônia. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, v. 29, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24208>. Acesso em: 7 ago. 2024.

ENTREVISTA COM DEVOTOS. Entrevistadores: Sabrina Campos Costa e Luiza Brilhante Bezerra. Belém: [s. n.], 2022. Entrevistados: Aldimar, Ana, Arnaldo, Conceição, Domingos, Emanuel, Evandro, Francisco, Jane, João Edir, Juacilene, Judá, Keith, Lucidalva, Madalena, Manoel Carolino, Marcelo, Maria Aparecida, Raimundo, Reinaldo José, Rui, Socorro.

ENTREVISTA COM TRABALHADORES. Entrevistadores: Sabrina Campos Costa e Luiza Brilhante Bezerra. Belém: [s. n.], 2022. Entrevistados: Adelino, Aldo, Alex, Antonio, Antônio Pedro, Carlos, Deyvison, Dinho, Edson, Elielson, Francinaldo, Genivaldo, Jackson, João Vitor, José Diego, Luciano, Luis Carlos, Luiz, Sávio Henrique, Talis, Walisson, Werlon.

FORTE, Márcia Teixeira Filgueira; SANJAD, Thais Alessandra Bastos Caminha. Trajetória do pensamento preservacionista em Belém a partir dos tombamentos individuais e em conjunto. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, v. 27, n. 50, e128966, p. 1-20, 2020.

GOMES, Ney. A Paisagem Histórica da Capital Paraense e Suas Inter-relações com as Pessoas: e a arqueologia com isso? **Revista de Arqueologia**, v. 36, n. 2, p. 243-273, maio/ago. 2023. Acesso em: 5 ago. 2024.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Museu Imperial/IPHAN/MINC, 1999.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARTINS, Raissa Cristina de Oliveira. **Tempo de tela no lazer e consumo alimentar de adultos brasileiros**. 2022. Dissertação (Mestrado em Nutrição e Saúde) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-312.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 5. ed. Belém: Paka-Tatu, 2007.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Edithe. Ações de difusão e conservação do patrimônio arqueológico no parque estadual Monte Alegre, estado do Pará. **Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso**, 2017.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RENDEIRO, André. Parque Cemitério Soledade: sítio histórico e potencial para a cidade. In: **Parque Cemitério Soledade**: a celebração da memória. Belém, maio 2023.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. Negritudes e processos-rituais de morte: outras ancestralidades e manejos culturais. **Revista Ñanduty**, v. 13, n. 21, p. 493–519, 2025. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/19421>. Acesso em: 19 nov. 2025.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Duas faces da morte**: o corpo e a alma do cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA. 2014. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

TEIXEIRA, Luana. Lugares. In: REZENDE, Maria Beatriz *et al.* (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2015.

Recebido em 15 de agosto de 2025

Aceito em 08 de janeiro de 2026